

Pesquisa (Auto) biográfica em educação: a terminologia como poética do pensamento e as literaturas subterrâneas

(Auto) biographical research in education: terminology as poetics of thought and underground literatures

Sahmaroni Rodrigues de Olinda
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Fortaleza/CE-Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a terminologia relato ecobio/gráfico na pesquisa (auto)biográfica em educação e é fruto de minha tese de doutorado em educação. Utilizando-me de referenciais do campo da pesquisa biográfica em educação, este artigo buscou discutir e justificar a terminologia utilizada em nossa pesquisa: relato eco/biográfico, uma vez que os relatos produzidos por nossos interlocutores de pesquisa sempre apontavam para relações de amozades (amor e amizade) construídas em suas andanças e perambulações artístico-literárias pelo mundo, construindo assim seus territórios existenciais/identitários.

Palavras-chave: Literaturas subterrâneas; Formação de si; Letramento artístico-literário

Abstract

The aim of this article is to discuss the terminology ecobio/graphic report in (auto)biographical research in education and is the result of my doctoral thesis in education. Using references from the field of biographical research in education, this article sought to discuss and justify the terminology used in our research: eco/biographical report, since the reports produced by our research interlocutors always pointed to love relationships (love and friendship) built in their wanderings and artistic-literary wanderings around the world, thus building their existential/identity territories.

Keywords: Underground literatures; Self-formation; artistic-literary literacy

1. Começos: rebentos do pensar

Numa canção composta por Caetano Veloso e entoada por Maria Bethânia em seu disco *Ciclo*, de 1982, temos um verso que pode nos ajudar a abrir caminhos sobre a página em branco. Eis o verso: “Quanto mais a gente ensina mais aprende o que ensinou”. Verso simples, mas de uma clareza singular, ele nos ajuda a entender o que desejamos neste trabalho: aprender aquilo que desejamos construir em nosso trabalho de Doutorado intitulado “Formação-artista e territórios existenciais: biografização, escrita e experiência”. Em nossa pesquisa de Doutorado, buscamos compreender, a partir do suporte teórico-metodológico da pesquisa (auto)biográfica em educação, como sujeitos sociais que não dependem do mercado – a ordem mercadológica dos livros – editorial para fazerem circular seus trabalhos artístico-literários, tornaram-se escritores/as e como se posicionam ante o discurso artístico-literário com relação à sua (des)legitimação como artistas da palavra que não seguem o caminho dos livros que poderia levar à consagração tornada possível pelos diversos agentes institucionais responsáveis por selecionar e julgar o que seja literatura do que não seja, assim como a atribuição do “valor literário”.

Apre(e)nder e burilar a terminologia utilizada como forma de perceber que esta não é neutra, que as palavras que escolhemos para atribuir sentidos ao mundo com o qual nos relacionamos, produz realidades, materializa-se em práticas, eventos, algo como um abracadabra que supostamente vem do aramaico e significaria “eu crio enquanto falo”. Pensar e repensar a terminologia seria, portanto, um momento poético, como sugere Agamben, quando escreve que “As questões terminológicas são importantes na filosofia. Como disse uma vez um filósofo pelo qual tenho o maior respeito, a terminologia é o momento poético do pensamento” (AGAMBEN, 2009, p. 27).

Podemos entender esta afirmação, de um lado, como a possibilidade de tensão entre a escrita dita literária, algo como um estilo literário cuja intenção seria a de produção escriturística estética, e a escrita acadêmica, que seria mais racionalizada, mais direta. Esta tensão, poderia produzir a sensação de desconforto necessária à desnaturalização destes posicionamentos, uma vez que tanto o que se entende como “escrita literária” e/ou “escrita científica” são invenções sociais arbitrárias, sancionadas por grupos/comunidades sociohistoricamente hegemônicas. Dessa forma, poderíamos abrir espaço para uma escrita inventiva, que produzisse outras possibilidades- e apontasse ao mesmo tempo que se trata

de possibilidades, e não de Verdade inquestionável – de nomear o mundo, e portanto, de produzi-lo, pois, como nos lembra Soares “na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova ideia, um novo fato, um novo objeto são inventados (...)” (SOARES, 2005, p.34).

Considerar a terminologia o momento poético de uma pesquisa, seria observar que a pesquisa é uma prática de *poiesis*, isto é, uma prática de criação, produção, invenção da realidade que se está observando, conhecendo, estudando. Dessa forma, chegamos à ideia de que as escolhas teórico-metodológico terminológicas de uma pesquisa são escolhas políticas. Como exemplo, poderíamos utilizar a discussão de Soares sobre pesquisas que querem “distinguir pessoas letradas de iletradas ou para estabelecer diferentes níveis de letramento” (op.cit. p.82). Dependendo da definição que se tenha de letramento e das práticas entendidas como legitimamente letradas, teremos uma avaliação que poderá não ser a mesma se entendermos o letramento no plural – letramentos – e se incluirmos aqueles letramentos que não são legitimados pelas instituições de manutenção da crença social (LAHIRE, 2003) como o hip-hop, as pichações, as literaturas que busco conhecer em minha pesquisa: literaturas subterrâneas que não estão na sala de aula das escolas, universidades, mercados editoriais, páginas de grandes jornais, mas em folhas avulsas, blogs, facebook, livros manufaturados e entregues a redes de amigos, leitores/as raros/as que acabam sendo deslegitimados quando este material não é considerado e/ou visibilizado nas instituições autorizadas/ autorizadoras daquilo que seja considerado letramento literário.

Assim, as escolhas teóricas, conceituais, terminológicas de nossas pesquisas, definem também as metodologias e modos de produção de dados de uma pesquisa, sendo, portanto, um conjunto de escolhas políticas, nem um pouco neutras, em que há engajamentos sociopolíticos, mesmo que nem sempre totalmente conscientes por parte de nós pesquisadores/as, uma vez que “toda pesquisa é mesmo um processo formado por escolhas subsequentes” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 90), legitimadas e sancionadas por grupos/comunidades que têm interesses diversos. Importante, portanto, refletirmos sobre nossas escolhas, pois, como num passe de mágica – a alquimia de que fala Bourdieu, que silenciosamente domina as tramas sociais – produz identidades e práticas sociais (i)legítimas.

Justificadas nossas intenções deste trabalho, devemos então justificar o uso, neste texto, da primeira pessoa do plural que poderia levar algumas leitoras a relacioná-lo com o estilo de escrita positivista que propunha uma escrita objetiva, neutra, utilizando-se, dentre

outros recursos estilísticos, este com o qual estamos produzindo este artigo. Nossa escolha por tal recurso se dá para apontarmos os agenciamentos que acontecem e se encadeiam em nossa pesquisa: amizades com autores/as, pesquisadores/as, educadores/as que vêm discutindo questões relacionadas aos letramentos sociais não legitimados, questões teórico-metodológicas relacionadas à pesquisa (auto)biográfica, construção de subalternidades etc. Nossa escrita sendo um afluente de outras escritas, e como o antropófago, se configura a partir desses “outros devorados” (ROLNIK, 2011, p.24): escrita-singularplural.

Além disso, retém conversas, debates, orientações com nossos professores orientadores João Batista de Albuquerque Figueiredo e Messias Holanda Dieb, como também de diversos professores/as com quem temos dialogado nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Programa de Pós-Graduação em História, todos da UFC. Sem esquecer também dos/as colegas e encontros em bares, corredores, cantinas, bibliotecas, cinemas tec. Poderíamos dizer que *je sommes un autre*, para parafrasear Artur Rimbaud, ou dizermos: meu nome é legião. “Escrevemos o *anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. (...) Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem importância dizer ou não dizer EU” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.17, itálicos do autor). Se seguimos a pista terminológica, portanto política, de Josso (2008), quando esta fala em um singularplural, porque não chegarmos a um eu-nós, dando ênfase a um nós que constitui o eu? Nossa escolha, portanto, se deve a esta escolha política de perceber cada um de nós como se constituindo nas diversas relações sociais, e também constituídos de múltiplas identidades que emergem e transpassam nossos textos, inclusive acadêmicos.

Após estas justificações de escolhas e intenções, tracemos os movimentos retóricos que que construirão este artigo: num primeiro momento discutiremos sobre a pesquisa (auto)biográfica que estamos produzindo em nosso Doutorado como uma cartografia poética de amozades: os/as narradores/as de si são amigos e amigas que partilham de alguma forma o modo de vida literário, mesmo que esta partilha esteja se dando agora no processo mesmo de pesquisar. São, dessa forma, amores (e) amigos, ou antes, movimentos criativos de amozades. Num segundo momento, discuti sobre a terminologia “relato ecobio/gráfico” que vimos utilizando em nossas escolhas teórico-metodológico-políticas de pesquisa, pois entendemos que os movimentos que compõem nossa pesquisa, entendida como uma prática

social entre sujeitos (FREITAS, 2003), produz também gêneros discursivos, e o nome dado a este gênero, pode ser uma escolha para apontar estes movimentos/deslocamentos discutidos.

Para as discussões que se seguem, utilizaremos fragmentos de nosso relato ecobio/gráfico produzido em nosso projeto de pesquisa, e que norteou algumas escolhas prévias – mas não engessadas – para a entrada no campo de pesquisa empírica: nossos lugares-tempos de (trans)formação e educação literária que nos constituiu como artista da palavra, como também fragmentos de diário de (trans)bordo de nossa pesquisa em andamento e excertos de narrativas realizadas pelos sujeitos interlocutores da pesquisa.

2. Cartografias poéticas de amozades: pesquisa-formação-(auto)biografia

A pesquisa cartográfica tem o intuito de se contrapor a um ideal de ciência positivista, que ainda parece pairar nos meios acadêmicos, que visa(va) tudo conhecer, neutramente, e de forma programada, sem os riscos que o campo empírico impõe, acreditando que se coletava a realidade, daí a ideia de “coleta de dados”. O escritor argentino Borges sintetiza esta perspectiva de ciência em seu conto *Sobre o rigor da ciência*, do qual reproduzimos um trecho:

Naquele império, a arte da cartografia alcançou tal perfeição que o mapa de uma única província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do império uma província inteira. Com o tempo, estes mapas desmedidos não bastaram e os colégios de cartógrafos levantaram um mapa do império que tinha o tamanho do império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos dedicadas ao estudo da cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado mapa era inútil e não sem impiedade entregaram-no às inclemências do sol e dos invernos (...) (BORGES, 2001, p. 117).

Insurgindo-se contra esse totalitarismo epistemológico, a pesquisa cartográfica compreende que à medida que caminhamos pelos lugares-tempos de nossa pesquisa, nós a poetizamos, isto é, nós a produzimos, a inventamos a partir dos conceitos que já trazemos e que formam nossa percepção das coisas. Tentando se contrapor a isso, a pesquisa cartográfica propõe/deseja “olhar com olhos livres” e ir devorando aquilo que afete e faça afetar no processo mesmo de pesquisa. Neste sentido, trata-se de não se fechar a ideias preestabelecidas anteriormente ao campo de pesquisa, mas entender o campo como um lugar de desmoronamento de certezas, um lugar caótico de produções afetivas constantes, compreendendo que produzimos dados numa relação de interlocução junto a sujeitos que nos permitem que com eles/as dialoguemos, doando-nos seus tempos e vidas:

Nada mais distante do que aquele modelo de pesquisa de campo que consiste em observar e recolher dados, como quando se vai a um supermercado e se retira da prateleira os produtos buscados, os quais à nossa espera... Contra a evidência do campo, é nosso olhar que distingue e que enxerga em meio à poeira das multiplicidades (PAIVA, 2007, p. 37).

Olhar criador, produtor de realidades múltiplas que parece estar sempre fugindo ao nosso entendimento, à nossa percepção por vezes tão enquadrada em determinados moldes de pensar e agir sobre o mundo e com o mundo. A cartografia aparece então como uma forma de estar no mundo, em meio ao caos criativo tentar se deixar afetar e afetar os sujeitos com quem dialogamos. Não uma epistemologia, mas algo como uma epistemologia, um saber cuidadoso e multifacetado que não negue o caos, mas o agregue às suas percepções, “em sintonia com o caráter processual da investigação” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 9). Trata-se de uma outra orientação perceptual visando lançar nossos olhares, sentidos, olfatos para o mundo:

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. (...) Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hodos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um hodos-metá. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (PASSOS; BARROS, 2010, p. 17).

De que modo nossa pesquisa (auto)biográfica sobre identidades e práticas de letramento artístico-literário não legitimado apresenta-se como uma cartografia? Num primeiro momento, trata-se de uma abertura aos espaços e tempos múltiplos de nossa memória, daquilo que emerge como rememorado, o acontecimento mnemônico que se materializa na página. Quando nos narramos, não tínhamos uma intenção prévia de criar algo com começo meio e fim que devassasse nosso corpo memorialístico, mas fomos exercitando afetos, entregando-nos ao que emergia e se insurgia do exercício de rememorar. Desse exercício, muita história importante não foi lembrada, foi deixada para uma outra narrativa, para um outro espaço-tempo. Entretanto, nessas idas e vindas de nossa razão bio/gráfica, materializou-se um relato que depois foi burilado, reescrito, mais uma vez movimentado, até configurar-se como o relato que compõe nosso projeto de pesquisa.

Ali, naquelas idas e vindas por entre memórias revoltosas e outras tantas de calma, produziu-se um desenho móvel, que poderia ser modificado se fosse narrado em outras circunstâncias. A cartografia torna-se, dessa forma, um acontecimento cosido de outros acontecimentos. “O acontecimento que sobrevém é um momento, um fragmento de realidade percebida que não tem nenhuma outra unidade além do nome que se lhe dá” (FARGE, 2011, p.71). Instantes cosidos por recursos narrativos: tempos verbais, conjunções, preposições, advérbios etc. mas também por outros corpos em movimentos: lembranças, ranger de dentes, lágrimas, braços espalmados, suspiros e idas à janela para tomar ar diante de algo lembrado. Narrar é sempre verbo, processo aberto a desordens, cartografia.

Além disso, nossa narrativa configurada na página no gênero discursivo projeto de pesquisa mostrou-nos que é por deslocamentos, que nos (trans)formamos em artista da palavra: foram relacionamentos amorosos, afetos escolares, encontros com determinados/as autores legitimados/as que nos fez desejar escrever esteticamente. As amozades surgem, dessa forma, como lugares-tempos descontínuos de formação artístico-literária. Namorados que exigiam de mim leituras de obras consideradas para o vestibular, outros que me ensinaram na cama a ler um poema com o corpo, entonando voz, e não como quem lê uma bula de remédio, coisa que não aprendêramos no curso de Letras. As amozades de um namorado que nos influenciam a tentarmos alguma linguagem artística, uma vez que todos/as eram de alguma forma reconhecidos/as como artistas: poetas, dramaturgos, diretores de teatro, artistas visuais, performers, atrizes/atores. Em meio a esta orgia afetiva, a volição de sermos reconhecidos e admirados por esses/as outros/as que admirávamos.

Desta forma, as amozades, entendidas como lugares-tempos (trans)formativos, podem ser cartografadas, redesenhadas, formando um mapa bio/gráfico de nosso percurso formativo que desemboca no desejo e ação de produzir para si a imagem de artista, mais especificamente artista da palavra, filho da pauta. Uma vez que esta pesquisa se pretende autobio/gráfica, começaremos nosso processo de interlocução com nossa rede de amozades: amigos/as, namorados, que escrevem e comunicam/publicizam seus artefatos literários. Se a amizade é este “espaço de reconhecimento mútua”, no dizer de Foucault (1995, p. 257), este lugar de invenção, produção de reexistências, partiremos dessas linhas de fuga, destes lugares estéticos e produziremos “cartografias de amizades artístico-literárias”, isto é: partiremos de desenhos que visam criar uma paisagem escriturística inserida nas interrelações cotidianas de leitura/escrita literária e modos de vida artista compartilhados e invisibilizados no ordinário,

que tanto serve para a poesia, como diria Manoel de Barros (2010). Amizades como modos de partilha estética, criativa, como “potência política” (AGAMBEN, 2009, p. 91): “A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política” (op. cit., p. 92, itálicos do autor).

Como sugerido em nosso percurso, nossa sensibilidade artístico-literária enquanto “repertório compartilhado de valores, ícones e mitos estéticos, afetivos e perceptivo-sensoriais” (MORICONI, 2002, p. 13) foi sendo (trans)formada em relações, encontros, sofrimentos, eventos sociais, lugares de encontros que transcendem os lugares legitimados de formação. Parcerias (trans)formativas como espaços de formação pela trajetória de vida, percebendo que “a vida é arte do encontro/ Embora haja tanto desencontro pela vida”, como reza Vinícius de Moraes em seu “Samba da Benção”. Estas amizades, portanto, são a produção – e o produto de – política de laços sociais, de redes de solidariedade e partilha, ampliados a cada novo encontro.

Assim, ao contatar estes(as) amigos(as), tem sido proposto a colaboração na produção da pesquisa, pedindo-lhes que nos contem/narrem suas vidas, que se (re)inventem nas narrativas, que fabriquem seus relatos ecobio/gráficos tendo a nós como interlocutor privilegiado que assistiremos seus rebentos: como nos tornamos quem somos? Como alguém começa a escrever literatura? Quais encontros, lugares, pessoas, etc. foram importantes para que você se tornasse quem você é? Através de uma pergunta-disparadora, pedimos a estes/as “escritores/as subterrâneos(as)” para que se narrem para nós, que expressem seus “sentido[s] do ‘eu’”, quem somos e como ficamos assim” (MAGALHÃES, 2006, p. 77). Por sua vez, o próprio processo de pesquisa vem se constituindo um espaço-tempo de amozades, em que nos modificamos, emocionamos, afetamos, alterando modos de perceber o que vínhamos propondo, e entendendo que este processo de pesquisa vem se constituindo como uma ampliação dessa rede de afetiva, uma vez que temos comprovado aquilo que Ecléa Bosi afirmou em seu trabalho “Memória e sociedade”: “Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (BOSI, 1994; 1979, p.38).

3.De acontecimento em acontecimento se cose um relato ecobio/gráfico

A par destes movimentos que visam a produção de um “mapa móvel”, que produz uma espécie de “escrita urbana” (CERTEAU, 2009), porquanto localiza e visibiliza os

percursos e locais onde estão situados os próprios sujeitos com quem dialogaremos e estamos dialogando no movimento de pesquisa que estamos em vias de desenvolver. Assim, vimos observando páginas sociais, e descobrindo publicações de poemas, contos, minicontos, etc. em páginas de facebook, google+, divulgações de blogs, e temos entrado em contato com esses escritores/as propondo uma parceria para a construção dessa pesquisa. Além de nosso círculo de amozades, a própria movimentação da pesquisa tem ampliado nossa circunferência afetiva, e temos conversado, dialogado, tomado café com pessoas que têm aberto suas vidas, gavetas, computadores, para mostrar-nos seus trabalhos artístico-literários e suas formas/maneiras de visibilizá-los.

Em meio ao burburinho memorialístico – entre árvores e esquecimentos – surgem acontecimentos que se ligam um ao outro, produzindo-se o momento/movimento narrativo, geralmente ligado a um momento de troca nos lares, cafés, ou outro lugar de acordo com a disponibilidade dos sujeitos convidados/as para participar. Como se pode perceber, em todos os momentos, surge o movimento, o deslocamento, a junção de acontecimentos espaço-temporais. E é por isso, que julgamos ser necessário – a par da ideia de que a terminologia não é neutra -, a discussão sobre o “produto” narrativo que é dado a ler, por exemplo em nosso projeto de pesquisa e/ou se dará a ler em nossa tese de doutorado.

Discutindo questões referentes à pesquisa (auto)biográfica, Passeggi nos informa que “para evidenciar o papel da linguagem na elaboração e recepção das escritas de si” (PASSEGGI, 2011, p.18) Georges Gusdorf gostaria de ter utilizado no título de seu livro o termo Graphibiauto ao invés de Auto-bio-grafia “colocando em primeiro lugar a escrita por seu poder constitutivo do eu e da vida” (op.cit. 18). Gaston Pineau, por sua vez, prefere o termo “histórias de vida” para não vincular diretamente as narrativas com a escrita, para evitar o território da intimidade, contido no radical auto, e para acolher as diversas expressões de vida (PINEAU, 2006; PASSEGGI, 2011). Entretanto, em outros textos seus, Pineau utilizará o radical em expressões como “auto-bio-história” (PINEAU, LE GRAND, 2012, p.126-127), “auto-eco-reorganização” (op.cit, p.90), que põem em primeiro plano a questão subjetiva, como se o individual viesse antes do social.

Ainda que saibamos que não se trata disso, queremos evitar em nossa terminologia, principalmente no “texto final” - após o retorno ao sujeito e as negociações em seu material narrado e transcrito, texto que deverá estar contido em nossa Tese-, este radical [auto] que pode sugerir a ideia de que “diante da dissolução dos quadros externo, fazer e ganhar a vida

obriga, cada vez mais, todo indivíduo a explicitar [...] A tomar a vida, não apenas nas mãos, mas também na cabeça, para fazer a sua” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p.91).

Ao contrário disso, pensamos que essa injunção à dizer-se, “a tomar a vida nas mãos” é uma imposição social, que nos obriga a uma “condição biográfica” (DELORY-MOMBERGER, 2012), e dessa forma, esse desmanche dos quadros sociais, gera outra configuração social que impõe ao indivíduo que este busque soluções para questões que, geralmente, são geradas socialmente. Por isso, preferimos o radical “eco” para priorizar a dimensão social que nos constrange a fazer escolhas que parecem ser individuais.

Na sociedade individualizada, o indivíduo precisa aprender, sob pena de um prejuízo irreversível, a reconhecer-se a si mesmo como foco de ação, como agência de planejamento no que diz respeito à sua própria carreira, às suas capacidades, parcerias, etc. (BECK, 2010, p.199).

Trata-se, dessa forma, de percebermo-nos como espécies de microempresas interessadas em gerar capital cultural válido para nosso desempenho no social, capital validado por instituições desse mesmo social. Portanto, não se trata do fim do social ou da sociedade, mas entender que a modernidade avançada “vê a emergência e o desenvolvimento da autorrealização individual como instituição central da nova relação que ela instaura entre o indivíduo e o social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.29). Dessa forma, quando priorizamos o “eco” em lugar do “auto”, apontamos para a tensão relacional existente entre a sociedade e o indivíduo, uma vez que quando nascemos, nascemos em uma sociedade, somos com-formados, trans-formados socialmente: “a sociedade é sempre a sociedade dos indivíduos (ELIAS, 1991) que a compõe, assim como os indivíduos são os indivíduos de uma sociedade, indivíduos de sociedade” (op.cit. p.22)

Quando nos narramos, narramos relações sociais, lugares, espaços-tempos compartilhados com outros. Somos sempre “eco”, estamos sempre em relação uns com os outros, e com nós mesmos, retomando a proposição *je sommes un autre*, paráfrase de Arthur Rimbaud. Dessa forma, o material narrativo individual se torna o *lócus* privilegiado para entender relações sociais e posicionamentos individuais e sociais, posicionamentos singulares, exatamente por serem sociais. Como propunha Certeau, apenas uma ciência das singularidades poderia apreender este ato como um acontecimento social. Falamos em singularidade e percebemos que esta só é possível socialmente, isto é: apenas enquanto acontecimento social, nos singularizamos, tornamo-nos diferentes do que somos, do que

outros são: ao invés de seguir a lógica do rebanho, ao invés de seguir os convites à massificação, experimentar modos de vida singulares, em companhia e amizades traçando linhas de fuga que são singularmente coletivas. Não há paradoxo, mas heterodoxo: somos singulares socialmente. Apenas socialmente, em relação com o outro.

Privilegiar o “eco” na pesquisa (auto)biográfica nos parece oportuno, na medida em que permite ouvir “a fala” de agentes sociais sobre si, sobre suas trajetórias (trans)formativas, narrativas que põe “no palco”, “inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero” (CERTEAU, 1996, p. 342), que rebentam este “novo herói da vida [...] o homem comum imerso no cotidiano [...] que no seu pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil” (MARTINS, 2010, p. 52). O “eco”, portanto, aponta para a tensão, para o espaço agonístico social-individual, apontando esta injunção a “tomar-se e responsabilizar-se por si” como uma injunção primeiramente social. Propor uma ciência das singularidades, como intentava Certeau (1996), entendendo a cultura ordinária como “uma ciência prática do singular” (op.cit., p. 341) de modo a perceber, apreender e propor como formas de reexistências – modelos múltiplos de reescrita de suas histórias–, compreender, enfim “os inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero” (op.cit., p. 342) em suas “lidas” diárias contra a padronização e institucionalização das trajetórias bio/gráficas.

Além dessas razões de ordem políticas, o “eco” no trabalho narrativo, permite-nos lembrar que operação que se realiza em cada história narrada: palimpsesto de outras histórias, uma narrativa como eco de outras narrativas. Uma sociedade biográfica que nos convida, a partir de modelos sociais de narração, narrarmo-nos, a apontar nossas singularidades sociais, apontando nossos percursos formativos a partir do coro polifônico que se concretiza em nossa narrativa individual, singularplural.

O relato ecobio/gráfico seria dessa forma o resultado de um processo narrativo produzido numa situação de interação social, a pesquisa, em que, entre idas e vindas, chegaríamos a uma materialização numa página, de um percurso de (trans)formação produzido pelos sujeitos interlocutores da pesquisa. Desta forma, o trabalho formativo-reflexivo com a pesquisa (auto)biográfica pode ser compreendido como a criação de relatos bio/gráficos:

No relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma ‘realidade’ (uma operação técnica etc.) e dar credibilidade ao texto pelo ‘real’ que exhibe. Ao contrário,

a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do ‘real’ – ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: ‘era uma vez...’. Desse modo, precisamente, mais que descrever um ‘golpe’, ela o faz. [...] O relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz. Pode-se, portanto, compreendê-lo ao entrar na dança. Assim Detienne. Diz as práticas gregas narrando as histórias gregas (CERTEAU, 2009, p. 142-144, itálicos do autor).

Dessa forma, para o autor, tomando como metáfora o transporte urbano grego, as *methaphorai* (op. cit., p. 182-183), o relato leva de um lugar-tempo a outro lugar-tempo, ele não apenas diz, mas ao dizer, desloca, age, realiza, cria, amplia realidades, ficcionaliza. O relato eco/biográfico, como “fim” do percurso de pesquisa que se inicia no convite ao narrar-se, passa pelas seguintes etapas, até tornar-se este movimento-estático que ele é: Primeiro, o encontro narrativo em que o corpo se agita, se contorce, diz, gesticula, modula a voz, exalta-se, emociona-se ao lembrar de seus primeiros escritos artístico-literários. Esse momento, torna-se memória do pesquisador, pois não poderá ser visto pelos/as apreciadores da pesquisa, na medida que aquele momento performático, aquela body art é uma arte efêmera, um acontecimento que faz parte das memórias do pesquisador/espectador. Num segundo momento, temos a gravação em áudio da narrativa de si, gravação que traz o corpo da voz, outra corporalidade que não mais aquela do corpo no ato de narrar descrito acima. Ao ser transcrita, esta voz que vem se transformando de “corpo da voz” em “voz do corpo”, ganha outra materialidade: a escrita não é a representação da fala, assim como a fala não é mero jogo fonológico, mas um corpo que se movimenta. A escrita é outro corpo daquela voz que se deslocou, é o transporte metafórico ocorrendo e transformando a narrativa em relato: relato ecobio/gráfico.

Dominique Maingueneau utiliza o conceito significante “bio/gráfico” para falar da relação entre literatura e vida, entre autoria e escritura, com a barra que une e separa como “uma relação instável”, entendendo a bio/grafia como um fluxo “que se percorre nos dois sentidos: da vida à grafia ou da grafia rumo à vida” (MAINGUENEAU, 2001, p. 46, grifos do autor). Somos recapturados pela escritura, “a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” (CERTEAU, 2009, p. 204). Poderíamos parafrasear as gênesis, e neste movimento afirmar: tu és página e à página retornarás, pois somos capturados pelo “tecido escriturístico”: somos registrados ao nascer, recebemos notas em boletins ao longo de nossa vida escolar, somos capturados por cartões de vacinação que “acompanham” nossa

saúde, enfim: a escritura está presente em nossa vida. Vivemos em sociedade cujas “letras” nos marcam, somos filhos da pauta.

Vivemos assim em uma sociedade letrada. Somos atravessados por atividades de linguagem que nos subjetivam. Diversos gêneros textuais – entendidos aqui como formas culturais e cognitivas de ação social – nos inscrevem neste imenso turbilhão escriturístico, antes mesmo de nascermos. Dessa forma, o movimento narrativo empreendido em nossa pesquisa aponta para este lugar social da escritura que nos atravessa: o relato ecobio/gráfico é a produção de uma figuração de si (DELORY-MOMBERGER, 2008), “imagem de si” materializada na página em branco que tem o poder sobre nós, pois, cria-se um desenho linguístico de nós, desenho, que esperamos, seja libertador, proporcionador de linhas de fuga, de potência política junto às margens artístico-literárias. Mesmo que esta demanda biográfica responda “às novas necessidades de uma sociedade” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.22), acreditamos que este processo de produção de um relato ecobio/gráfico aponte possibilidades socioindividuais de coletivização e solidariedade artísticas que burlem as normas das instituições legitimadoras do que seja ou não considerado arte, literatura, letramento oficial, e proporcione devires estético-políticos que não desconsiderem, ou pior, desvalorizem o trabalho artístico de outros/as, e não produza, dessa forma, letramentos e identidades artístico-literárias subalternizadas.

4. Conclusão: movimentos de abertura

O objetivo deste texto era pensar-sentir a terminologia de nossa pesquisa de doutorado que investiga as práticas de letramento artístico-literário não autorizadas pelo discurso literário legitimador e a produção e identidades subalternizadas ou não, decorrentes dessa não legitimação, invisibilidade, ou ainda pior, desvalorização do trabalho artístico-literário de alguns/mas escritores/as da cidade de Fortaleza (CE). Pensar a terminologia seguindo a ideia de Giorgio Agamben de que a terminologia é a poética do pensamento. Isto é, o momento em que, de alguma forma, já produzimos, criamos a realidade sobre a qual gostaríamos de nos debruçar.

Dessa forma, explicitamos, ao longo do texto, a perspectiva do movimento/agenciamento que perpassa nossa pesquisa. Poderíamos afirmar que nossa pesquisa será um movimento de escolhas, desejos postos para circular, produzir visibilidades e tensões entre o legítimo e o ilegítimo, o passado-presente-futuro, a margem e o centro, para afirmar este

compromisso ético-político de tentar ver com olhos livres e antropofagizar aquilo que pode nos fortalecer e (trans)formar. Por isso, a cartografia poética de amozades propõe este movimento de ampliação na pesquisa dessa rede de afetos, dessa ampliação da percepção do artístico-literário situado em espaços-tempos não visibilizados/legitimados. Por isso, também, a importância de percebermos a movimentação que produz corporalidades diferenciadas, mas interconectadas, até desembocar no relato ecobio/gráfico que conterà a figuração dos sujeitos narradores interlocutores de nossa pesquisa.

Trata-se aqui, não de uma proposta terminológico-política que busque universalizar-se nos meios acadêmicos. Mas, bem ao contrário disso, buscar confluir com processos criativos científicos que tensionem arte e ciência, buscando produzir e ampliar um pensamento-artista, tornando legítimo, aquilo que Santos denomina “racionalidade estético-expressiva” (SANTOS, 2011). Buscar entender a pesquisa em educação, não apenas como uma repetição terminológica de áreas que “pensam” a educação, mas propor a pesquisa como um movimento criativo-educativo de si, com os/as outros/as, entendendo que a forma como olhamos para o mundo, e a forma como o vemos e o produzimos em nossa pesquisa, ou como diria o poeta Wally Salomão: “O olho por onde eu vejo deus é o mesmo olho por onde ele me vê”.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BORGES, Jorge Luís. Sobre o rigor na ciência. In: BORGES, Jorge Luís. **História universal da infâmia**. São Paulo, Ed. Globo, 2ª ed. 2001.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal, RN: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert L. **Michael Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253-278.

FREITAS, Maria Teresa. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM, Solange; SOUZA, Sonia Kramer (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 26-38.

JOSSO, Marie-Christine. As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural. **Horizontes**, v. 26, n.2, p. 9-20, jul./dez. 2008.

Disponível em:

[http://webp.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/01.AS%20IDENTIDADESBIOGRAFICAS\[12996\].pdf](http://webp.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/01.AS%20IDENTIDADESBIOGRAFICAS[12996].pdf). Acesso em: 15 mar. 2014.

LAHIRE, Bernard. Crenças coletivas e desigualdades sociais. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 24, n. 84, p. 983-995, set. 2003. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 08 ago. 2013.

MAGALHÃES, Isabel. Discurso, ética e identidades de gênero. In: MAGALHÃES, Izabel; CORACINI, Maria José; GRIUGOLETTO, Marisa (Org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 71-96.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (org). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 23-50.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORICONI, Italo. Prefácio. In: LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p. 13-17.

OLINDA, Sahmaroni Rodrigues de. **Formação-artista e territórios existenciais:** biografização, escrita e experiência. 2016. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Reservados e invisíveis:** o *ethos* das parcerias homoeróticas. 368f. Mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2007.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Fátima; ATEM, Érica (orgs). **Alteridade:** o outro como problema. Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2011, p.13-39.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método cartográfico:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Sulina, 2010, p 17-31.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como arte formadora da existência. In: SOUZA, Eliseu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 41-59.

PINEAU, Gaston e LEGRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida.** Pesquisa (auto)biográfica e Educação. Clássicos das Histórias de vida. Natal: EDUFRN, 2012.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. Coleção: Linguagem e sociedade vol 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Transdisciplinaridade e ecologia de saberes (entrevista a Cássio E. Viana Hissa). In: HISSA, Cássio E. Viana. **Conversações:** de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-34.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Nota

ⁱ Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação/UFC, Fortaleza, fomento de pesquisa CAPES tanto bolsa de doutorado, quanto estágio de Doutorado sanduíche em Paris 13/Nord sob orientação de Christine Delory-Momberger.

Sobre o autor

Sahmaroni Rodrigues de Olinda

Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará/ Sorbonne Cité Paris 13/ Nord, Integrante do grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Formação Docente GEPED/UFC. Professor adjunto do Departamento de Teoria e Prática do Ensino (FACED-UFC) E-mail: sahmaroni.rodrigues@uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4820-6134>

Recebido em: 03/02/2023

Aceito para publicação em: 21/03/2023